

A OBRA E O DISCURSO DE LUÍS ANSELMO DA FONSECA: UMA REFLEXÃO SOBRE O ABOLICIONISMO NA BAHIA E OS SEUS SIGNIFICADOS

Isabel Almeida Santana¹; Rinaldo Cesar Nascimento Leite²

1. Bolsista PROBIC/ UEFS, Graduanda em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: isabelsantana.fsa@gmail.com
2. Orientador, Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, e-mail: rinaldocesarleite@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, Abolicionismo, Bahia.

INTRODUÇÃO

A historiografia brasileira apresenta temas amplamente diversificados que buscam evidenciar interpretações e estimular discussões acerca da História do Brasil. Uma das vastas áreas de pesquisa histórica se preocupa, em termos gerais, com a dinâmica do sistema escravista e os efeitos políticos, econômicos e sociais da abolição da escravidão. Estes fatores também eram debatidos na própria época em que foram desenvolvidos, como não poderiam deixar de ser, por figuras provenientes da elite, como também das camadas populares da sociedade vigente. Indivíduos que se empenharam em combater ou corroborar com determinadas ideias e práticas que fomentavam não só as relações sociais, mas muitos outros mecanismos fundamentais para assegurar a manutenção da ordem em seus múltiplos sentidos e fatores.

Desse modo, torna-se válido refletir sobre a obra *A escravidão, o clero e o abolicionismo* do médico e abolicionista baiano Luís Anselmo da Fonseca, que condenou veementemente o sistema escravista e a atividade clerical, e assim, defendeu a abolição da escravidão. Nascido em Jacobina (1848-1929), formou-se médico em 1875, mas dedicou-se ao magistério. Atuou também como diretor do Hospital da Febre Amarela em Salvador, foi conselheiro municipal e se envolveu em embates jurídicos com o governo do Estado (Brito, 1996).

Neste sentido, Fonseca discorre, através do estudo em questão, sobre o escravismo e abolicionismo na Bahia, enfatizando a atuação eclesiástica e dos meios de comunicação neste processo, assim como a importância do desempenho de determinados abolicionistas, sem deixar de difundir também determinadas ideias acerca da transformação do ex-escravo em trabalhador livre, dentre outros aspectos.

Assim como ele, demais intelectuais também se destacaram ao discutir os destinos do país com o final da escravidão, constituindo, dessa maneira, a chamada geração de 1870. Pessanha (2012) indica que esta era formada advogados, médicos, engenheiros, literatos, que enfatizavam em seus discursos ideais de progresso e civilização a partir de parâmetros estrangeiros. Muitos cientistas exerceram interferências sobre essa elite intelectual, na medida em que procuravam evidenciar a existência de diferentes escalas de desenvolvimento humano definidas involuntariamente. Ao destacar a atuação intelectual deste grupo, há a pretensão de evidenciar influências que atingiram os mais variados indivíduos. Os mesmos souberam apropriar-se delas de forma distinta, através de interpretações próprias, a exemplo de Fonseca, – e de Luiz Gama, que assim como Joaquim Nabuco, era leitor de Ernest Renan, mas ambos utilizaram seus pressupostos de forma diferenciada, como aponta Ferreira (2007) –, levando em consideração não só elementos de cunho pessoal, mas aqueles relacionados aos espaços de conhecimento aos

quais pertenciam. Estas instituições tendiam, de maneira geral, a justificar as hierarquias sociais existentes a partir de discussões pautadas pelas concepções de igualdade e cidadania, promovendo disputas entre as escolas de direito e medicina pela hegemonia do saber científico (Schwarcz, 1993).

A obra foi publicada originalmente em 1887 e vem sendo apropriada por diversos autores que discutem temas associados principalmente à escravidão baiana e à sua conclusão, no final do Império, um período repleto de efervescentes debates. Algumas destas discussões, sobretudo políticas, foram evidenciadas por Fernandes (2006), que evidencia o caráter instável da relação estabelecida entre os republicanos e a abolição da escravidão. O grupo defensor do fim da monarquia não era de forma alguma homogêneo, fato que ocasionou a ruptura ou a manutenção de laços entre os indivíduos que lutavam por uma mesma causa, mas divergiam em interesses, métodos e estratégias de atuação. Tudo isso acabou interferindo na formação de determinado setor social, responsável por conduzir o início do regime republicano tal qual ele se deu. Salles (2011) também aborda esse momento de crise política-institucional, que gerou além de movimentos urbanos, inúmeras publicações produzidas por uma série de intelectuais oriundos inclusive das camadas populares, que fizeram da escravidão um tema capaz de agregar múltiplas inquietações e ideias próprias da sociedade brasileira do período.

É perceptível que semelhantes discursos e concepções, muitas vezes, colocaram em risco a suposta estabilidade das camadas dirigentes e contribuíram direta ou indiretamente para que algumas mudanças se fizessem presentes neste cenário. Uma delas foi a abolição, retratada especificamente por Jailton Lima Brito (1996), que utiliza em seu trabalho constantes referências ao estudo de Luís Anselmo da Fonseca, destacando os posicionamentos do referido médico e indicando, apesar das devidas críticas, o caráter relevante do seu escrito. Brito enfatiza a ação abolicionista na Bahia, através dos diversos sujeitos envolvidos e ressalta elementos ideológicos próprios da época que interferiram no desenvolvimento da atividade abolicionista e, conseqüentemente, no discurso empregado por Fonseca. No entanto, o autor não está preocupado com tais concepções, mas com o movimento abolicionista baiano de maneira mais ampla, com os indivíduos que dele participaram, com a atuação da imprensa e das associações abolicionistas baianas assim como daqueles que se colocaram contra o fim da escravidão e os debates da época. Desse modo, a bibliografia citada até o momento, dentre muitas outras, sem menos importância, contribui na tentativa de identificar e compreender o papel de *A escravidão, o clero e o abolicionismo* e de seu autor no desenvolvimento histórico e historiográfico, como também de refletir sobre o contexto em que a obra foi produzida. Há a finalidade de analisar as interpretações desenvolvidas por Fonseca acerca do sistema escravista na Bahia e da própria abolição, analisando as possíveis interferências do contexto social, temporal, local, político e cultural na produção da obra, com o auxílio de demais estudos referentes ao âmbito baiano como Mattoso (1992) e Silva (2007).

Enfim, todos estes trabalhos são indispensáveis na criação de um quadro geral acerca do Brasil imperial e da questão abolicionista, que proporcionou debates em todas as esferas locais e sociais. Estas atingiram, de certo modo, o abolicionista Luís Anselmo da Fonseca, na Bahia, tanto que o levou a escrever uma obra que vem sendo utilizada para compreender tal dinâmica em solo baiano. Um devido estudo pode vir a proporcionar debates e avaliações interpretativas considerando contextos, abordagens, concepções e tendências historiográficas que possibilitem evidenciar a imagem construída pelo autor sobre o sistema escravista baiano e a sua culminância.

MATERIAIS, MÉTODOS OU METODOLOGIA

O principal método empregado consiste na análise do discurso de Luís Anselmo da Fonseca em sua obra *A escravidão, o clero e o abolicionismo*. Para que isso seja possível, torna-se essencial associá-la ao contexto em que foi produzida para

buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos. Em uma palavra, o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso, relacioná-lo ao social [...]. (Cardoso; Vainfas (orgs.), 1997).

Desse modo, pretende-se identificar através deste escrito, as ideias e transformações do sistema escravista a partir do emprego de vocábulos, conceitos, expressões e concepções vigentes na época que permitam investigar associações, que, de certa forma, interferiram em outros trabalhos. Dessa forma, torna-se válido salientar que “a análise do discurso visa a compreensão de como o objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (Orlandi, 2001), de modo que se faz necessário uma associação entre o autor, o seu meio e obra, tendo em vista que o sentido não se constitui em si mesmo, mas é determinado por posições ideológicas e condições de produção discursivas associadas aos diferentes elementos irrestritos ao campo das palavras. Neste sentido, para avaliar o alcance do referido livro no desenvolvimento histórico e historiográfico, deve-se identificar a percepção da historiografia recente a respeito da obra de Luís Anselmo da Fonseca, através da leitura e análise de estudos referentes ao tema que utilizem e discutam *A escravidão, o clero e o abolicionismo*. Dessa forma, há a possibilidade de traçar relações com outros estudos de abordagem semelhante e, assim, perceber a repercussão do referente livro na sociedade do período, como também a contribuição dele para o desenvolvimento histórico. Na medida em que este propõe também a avaliação da representatividade das instituições e estratos sociais baianos apresentados pelo autor, considerando não só a essência escrita do texto, como também todos os aspectos que o compõe e fazem parte de um processo de contínuas relações.

DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS

A partir da leitura de *A escravidão, o clero e o abolicionismo* foi possível identificar através do discurso do autor, concepções como o positivismo e o evolucionismo, pois mesmo defendendo a abolição, afirma a inferioridade africana e de seus descendentes, situação que pode ser atenuada, segundo ele, a partir da instrução. Tais ideias de Fonseca indicam também a sua visão em relação à Bahia, mais distante do progresso do que qualquer outra província brasileira da época, pois a sociedade possuía laços fortes com o passado e, conseqüentemente, procurava manter o status quo, sustentado através da escravidão. Neste sentido, ele evidencia a imagem de uma Bahia atrasada em todos os sentidos (Fonseca, 1887).

Partindo desse pressuposto, torna-se importante ressaltar as influências estrangeiras, tais como Herbert Spencer, August Comte e Montesquieu (Fonseca, 1887), que fundamentaram seu escrito, utilizando, muitas vezes, experiências bem sucedidas de países do exterior como exemplos a serem seguidos pelo Brasil. Além disso, sua obra também apresenta ideias difundidas por abolicionistas do período, com a finalidade de reforçar as suas afirmações e ideias, que, de forma geral, pretendem traçar um quadro

histórico acerca do abolicionismo baiano e os seus significados, a partir de reivindicações, apelos e denúncias sociais expressas pelo autor que revelam o caráter efervescente do seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo ainda está em desenvolvimento, de modo que as suas conclusões tendem a ser apenas parciais. Neste sentido, torna-se importante evidenciar as interferências diversas que fomentaram a construção do discurso de Luís Anselmo da Fonseca, influências estas, sofridas também por outros abolicionistas da época. É relevante indicar que tais ideias, de certo modo, inspiraram a sua percepção em relação à Bahia, em posição periférica diante das demais províncias, de tal forma que lhe coube a tarefa de retratar o movimento abolicionista baiano em diferentes dimensões, pois este aspecto ainda não havia sido problematizado, de acordo com o autor, diante da apática participação da sociedade neste processo.

REFERÊNCIAS

BRITO, Jailton Lima. 1996. *A abolição na Bahia: uma história política, 1870-1888*. Universidade Federal da Bahia, Dissertação.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). 1997. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus.

FERREIRA, Lígia Fonseca. 2007. Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan. *Estudos avançados*, 21 (60): 271- 288.

FONSECA, Luís Anselmo da. 1887. *A escravidão, o clero e o abolicionismo*. Bahia: Imprensa Economica.

FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. 2006. Os republicanos e a abolição. *Revista de sociologia e política*, Curitiba, (27): 181-195.

MATTOSO, Katia. 1992. *Bahia, século XIX: Uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.

ORLANDI, Eni. 2001. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes.

PESSANHA, Andréa Santos. 2012. A geração de 1870: nação e raça no contexto da abolição. *Revista UNIABEU*, Belford Roxo, 5, (9): 13-26.

SALLES, Ricardo. 2011. Abolição no Brasil: resistência escrava, intelectuais e política (1870-1888). *Revista de Índias*, Rio de Janeiro, v. LXXI, (251): 259-284.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1993. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, Ricardo Tadeu Caires. 2007. *Caminhos e descaminhos da abolição: escravos, senhores e direitos nas últimas décadas da escravidão (1850-1888)*. Universidade Federal do Paraná, Tese.